

O conceito de introjeção e sua evolução na teoria de Ferenczi

Luis J. Martín Cabré¹, Madri

Para Ferenczi, em grande sintonia com o pensamento de Freud, a introjeção foi inicialmente um conceito fundamental no desenvolvimento psíquico da criança e indispensável para diferenciar o funcionamento neurótico de outras patologias. Além disso era uma noção essencial para teorizar a dinâmica transferencial na relação analítica. No entanto, ao final de sua obra, ao reavaliar a importância do trauma, da confusão de línguas entre o adulto e a criança e entre o analista e o paciente, ao conceitualizar as noções de identificação com o agressor e de introjeção do sentimento de culpa nas síndromes pós-traumáticas e, principalmente, ao sublinhar a importância decisiva que adquire a desmentida e a cisão do Ego na dinâmica do trauma, Ferenczi modifica e enriquece enormemente sua primeira contribuição. Justamente sua última contribuição à psicanálise, refletida nas derradeiras notas do Diário clínico, é um neologismo interessante que Ferenczi define como intropressão, consistindo na tentativa de conjugar a introjeção com os efeitos violentos suscitados na mente da criança em decorrência da irrupção inesperada do Superego parental e dos adultos em geral. Esta dinâmica, além disso, lamentavelmente não deixa de estar presente em algumas modalidades patológicas da relação analítica. Esta última concepção de Ferenczi foi continuada e completada de maneira brilhante por Abraham e Torok em seu conceito do crime da introjeção, a que se dedica a última parte do presente trabalho.

Palavras-chave: Introjeção; Intropressão; Trauma; Identificação com o agressor; Introjeção do sentimento de culpa

¹ Psicanalista, membro titular em função didática da Associação Psicanalítica de Madri (APM). Analista de crianças e adolescentes.

Luis J. Martín Cabré

O interesse em recuperar o pensamento e as contribuições de Ferenczi está plenamente justificado. Até aproximadamente quarenta anos atrás, Ferenczi foi esquecido, excluído da comunidade psicanalítica e inclusive banalizado da pior forma possível. E tudo isso apesar de ter sido o interlocutor mais fiel de Freud, amigo, confidente, paciente, cúmplice e coautor de muitas intuições teóricas, clínicas e técnicas. O diálogo científico ocorrido entre Freud e Ferenczi desde 1908 até 1933 é um exemplo ilustrativo de como se articula, na produção teórica e clínica dos dois, uma ponte e uma conexão constante entre a manutenção dos fundamentos básicos da psicanálise e a abertura constante à inovação e à criatividade mais incisiva.

Então, como poderia se explicar que Ferenczi, o analista mais próximo ao pensamento de Freud, o analista mais entusiasmado com a psicanálise e com o seu futuro, o analista de tantos e tantos analistas posteriores e o precursor de muitas concepções teóricas que hoje são indispensáveis para a teoria psicanalítica, tenha sido excluído da comunidade psicanalítica durante tanto tempo? Por qual motivo foi objeto desta negação? Era perigoso para a continuidade do pensamento psicanalítico? Constituía uma ruptura em relação ao movimento freudiano? Opunha-se à arquitetura essencial da teoria analítica? Propunha um modelo alternativo que se distanciava do modo ortodoxo de analisar? Hoje podemos afirmar peremptoriamente que não.

As objeções feitas às contribuições teóricas e clínicas de Ferenczi nos últimos anos de sua vida e principalmente depois de sua morte apontavam para uma suposta excessiva elasticidade da técnica e para a recuperação da teoria do trauma que havia sido *aparentemente* marginalizada como argumento psicanalítico. Contudo, este era o verdadeiro motivo do *escândalo*?

Para aprofundar um pouco tal reflexão, neste rápido trabalho, tentarei oferecer uma panorâmica do conceito de *introjeção* no pensamento de Ferenczi, de inquestionável riqueza tanto teórica como clínica para a psicanálise.

Este conceito emergiu no ano seguinte ao encontro de Freud e Ferenczi e, depois de anos de evolução e desenvolvimento, adquiriu uma última acepção, após a genial contribuição ferencziana sobre o traumatismo na última anotação de *Notas e fragmentos* de 26 de dezembro de 1932. Nesta nota final, Ferenczi inventou o neologismo *intropressão*² (Ferenczi, 1932, p. 353), que tentava articular a noção de introjeção com os efeitos devastadores da violência e da repressão parental (a “educação infantil”) e com uma determinada maneira de conceber a prática analítica. Tratava-se, na verdade, de um termo que se refere a uma questão

² Na edição de Espasa-Calpe, o termo *intropressão* aparece traduzido como *pressão interna*.

essencial da análise, qual seja, a de examinar até que ponto a parte inconsciente do Superego é suscetível de modificação e em que termos. Mas, além disso, se trata de uma noção que aponta para um aspecto essencial, enquanto fator perturbador, da transmissão psicanalítica e da formação dos futuros psicanalistas. A intropressão implica um efeito de desqualificação e negação das representações e pensamentos da criança, do paciente ou do candidato, os quais terminam perdendo toda a confiança no valor da interpretação que eles fazem da realidade psíquica. Suas interpretações acabam substituídas por aquelas feitas pelo adulto, pelo analista e pelo formador. Trata-se, enfim, “[...] do exercício abusivo de uma violência e de um poder que ataca o pensamento e que nega todo desejo próprio e toda alteridade [...]” (Enríquez, 1984, p. 270).

Examinemos rapidamente a história do conceito. Quando Freud e Ferenczi se encontram pela primeira vez, através da mediação do doutor Stein de Budapeste, no dia 2 de fevereiro de 1908, um domingo, o primeiro tem 52 anos e o segundo apenas 35. Apesar da juventude, Ferenczi tinha uma larga experiência hospitalar, tendo publicado interessantes trabalhos sobre espiritismo, homossexualidade feminina e patologia psicótica, além de estar a par de tudo o que Freud havia escrito até aquele momento. A razão do encontro era receber de Freud uma assessoria para seu iminente projeto de dar uma conferência sobre as descobertas psicanalíticas para uma plateia de médicos ignorantes na matéria. Tratava-se de avaliar muito bem que tipo de argumentos transmitir, fazendo uso do tato necessário para não produzir rejeição e resistência excessivas. Tratava-se, já nesse momento, de uma preocupação com a transmissão psicanalítica.

Naquela época, as bases do tratamento analítico já haviam se estabelecido solidamente e a noção de transferência constituía um elemento fundamental da técnica. Nos primeiros momentos, embora Freud (1895) tenha se considerado enquanto analista um explorador científico que fazia do paciente um *colaborador*, a elaboração do conceito de transferência transformou radicalmente sua teorização, estabelecendo uma continuidade entre a experiência hipnótica e esta nova maneira de escutar e de entender o paciente. Após a análise de Dora e sua posterior elaboração, a transferência se transformou no centro de suas reflexões teóricas e clínicas. Um ano antes de seu encontro com Ferenczi, em 30 de janeiro de 1907, na Sociedade Psicanalítica de Viena, Freud afirmava: “Há apenas uma potência capaz de superar as resistências: a transferência... Nós compelimos o paciente a renunciar a suas resistências por ‘amor a nós’” (Nunberg & Federn, 1962, p. 118).

O certo é que a transferência “à distância” – que já havia se estabelecido em Ferenczi sobre Freud através da leitura de *Os três ensaios sobre a teoria sexual* (1905) e a *Interpretação dos sonhos* (1900) – promoveu, após o encontro entre

Luis J. Martín Cabré

ambos, uma verdadeira história de amor e de sedução recíprocas que começaria a se plasmar na produção de uma multidão de trabalhos onde fica difícil estabelecer a paternidade de cada um deles. Um exemplo especialmente significativo desta coprodução é o tema da introjeção e da transferência.

No ano seguinte ao encontro com Freud, Ferenczi escreve *Transferência e introjeção*³ (1909), uma obra prima da literatura psicanalítica, utilizando um estilo audaz, entusiasmado, talvez algo impetuoso, mas oferecendo uma abundância de finas observações clínicas surpreendentes e originais. Tenta corroborar as teses de Freud, mas acrescentando suas próprias intuições.

É extraordinariamente sugestiva sua noção de introjeção, descrita no início como uma característica dos neuróticos. Ao contrário do demente ou do paranoico que, através da projeção, situam no mundo exterior as emoções penosas ou insuportáveis, o neurótico inclui em seu Ego aspectos do mundo exterior, os quais se transformam, em seguida, em objeto de imagens inconscientes. Esta inclusão proporciona um processo que amortece a frustração dos desejos insatisfeitos ou dos processos de luto, constituindo uma operação eminentemente defensiva. Nas palavras de Ferenczi (1909): “o ‘Ego’ do neurótico está patologicamente dilatado, enquanto que o paranoico sofre, por assim dizer, uma contração do ‘Ego’” (p. 107). Posteriormente, Ferenczi amplia esta concepção, atribuindo à introjeção um caráter não exclusivamente neurótico, mas de normalidade, e incluindo também em seu âmbito o amor objetal e a transferência, a qual define como uma repetição das primeiras relações de objeto: “O primeiro amor objetal, o primeiro ódio objetal, são, pois, a raiz e o modelo de toda transferência ulterior, que não é uma característica das neuroses, mas o exagero de um processo mental normal” (Ibid. p. 108). Fica claro, desde os primeiros movimentos do texto, a proximidade de suas descrições da introjeção com conceitos como a ideia da transferência específica da cura, concebida como resistência, a identificação histérica, os deslocamentos e as formações reativas.

Enfim, Ferenczi (1912) define a introjeção como um processo que implica simultaneamente a investidura objetal e uma identificação como correlato narcisista – “[...] descrevi a introjeção como a extensão do interesse de origem autoerótico ao mundo exterior, mediante a introdução dos objetos exteriores na esfera do Ego [...] em último termo, o homem sozinho ama a si mesmo; amar a outro equivale a integrar o outro em seu próprio Ego” (p. 217) – e que se configura como um processo primário organizador, um movimento psíquico constitutivo e defensivo, fundamental nas primeiras etapas do desenvolvimento psíquico da criança e na

³ N.T.: Transferência e introjeção. Em *Escritos psicanalíticos 1909-1933*, Editora Taurus, 1988, Rio de Janeiro.

constituição da dinâmica da vida amorosa e da transferência, além de possuir a virtude de amortecer a dor produzida pelas aspirações irrealizáveis e garantir a maior posse possível do objeto. Além disso, Ferenczi capta o aspecto regressivo que se vincula com esta espécie de avidez, de desejo imenso, que se faz presente na transferência desde o princípio da cura.

A concepção de Ferenczi sobre a introjeção foi retomada anos depois por Freud em *As pulsões e seus destinos* (1915) e em *Luto e melancolia* (1917). No primeiro, Freud sustenta que, embora o amor seja originalmente narcisista, em seguida busca incorporar e devorar o objeto. Mas, no segundo texto, a grande contribuição teórica de Freud ao tema da depressão, ele desenvolve magistralmente algumas ideias esboçadas por Ferenczi no trabalho antes comentado, antecipando algumas das ideias que este postulará quinze anos depois. Para Freud, a melancolia se caracteriza psicicamente por um profundo e doloroso desalento, por uma diminuição do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição diante de qualquer atividade e por um envilecimento do sentimento de si mesmo, que se manifesta por meio de autorrecriminações e autoinjúrias, culminando na espera delirante de um castigo. Por que o melancólico se difama e se acusa injustamente? Por que, apesar de se considerar uma pessoa indigna de consideração, perturba permanentemente os demais com suas queixas contínuas? Qual verdade se esconde atrás de suas palavras? Freud afirma que, se se escutam as múltiplas e variadas autoacusações do melancólico, surge a impressão de que estas, mais que à pessoa do doente, parecem se referir claramente a outra pessoa. Este é o ponto chave da contribuição de Freud. Na melancolia, a investidura libidinal sobre um objeto perdido é substituída por uma identificação narcisista. No entanto, postular a identificação do Ego com o objeto abandonado implica também que uma *instância crítica* separada do Ego, a qual mais tarde irá denominar *Superego*, aplique ao Ego o mesmo ódio e o mesmo desejo de destruição que o Ego sentia pelo objeto. Da mesma forma como acontece no trauma (Green, 1983), a sombra deste objeto cai então sobre o Ego, um Ego ferido consumido e devorado por um excesso e, ao mesmo tempo, por um desgaste de energia psíquica que se perde inexoravelmente, às vezes, até a derrota final. Não se percebe, por trás da noção de *identificação narcisista* ou *melancólica* de Freud, a concepção de *identificação com o agressor* que Ferenczi definirá na famosa *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*⁴ (1933)⁵?

⁴ N.T.: Em *Obras completas, Psicanálise IV*, tradução de A. Cabral, São Paulo, WMF Martins Fontes.

⁵ Anos mais tarde, Abraham ratificava as ideias de Freud e de Ferenczi sobre a “apropriação do objeto”. Em sua obra *Tentativa de uma história sobre o desenvolvimento da libido* (1924), afirma: “A introjeção do objeto é um processo de incorporação que corresponde à regressão da libido à fase canibalística [...]”. Mas vai adiante e acrescenta: “[...] a introjeção do objeto perdido supõe uma dupla

Luis J. Martín Cabré

Agora deixarei de lado as vicissitudes da configuração teórico-clínica da segunda tópica freudiana que implicou, após a introdução de conceito de pulsão de morte, uma modificação substancial das noções de narcisismo, masoquismo, estruturação do psiquismo e teoria da identificação. Ferenczi participou ativamente nesta nova concepção e nos deixou o legado de trabalhos imponentes, entre os quais não se pode esquecer o que escreveu junto com Rank, *Perspectivas da psicanálise*⁶ (1924), em que abordam o tema da repetição como material clínico de primeiro nível e apresentam uma crítica explícita a um modo de proceder analítico que abusava da teoria das pulsões em detrimento do objeto, além de recorrer a interpretações intelectualizadas e de detalhe, não levando em conta os riscos do narcisismo do analista, que podia suscitar uma submissão do paciente no sentido de forçá-lo a apresentar material mais agradável ao analista e a evitar os sentimentos hostis, reforçando sua culpa inconsciente e impedindo o progresso da cura. Não se referia inconscientemente à sua própria experiência analítica e se antecipava aos seus futuros desenvolvimentos teóricos?

Vamos a eles. A concepção psicanalítica do trauma de Ferenczi alcançou o momento teórico mais importante no polêmico trabalho com que concluiu o XII Congresso Internacional de Psicanálise em 4 de setembro de 1932 em Wiesbaden. Obviamente me refiro à *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1933), em que tentava estabelecer uma nova formulação metapsicológica da teoria da sedução e de sua relação com o traumatismo. Neste trabalho, Ferenczi não só atribuía aos objetos externos um papel determinante na estruturação do aparato psíquico da criança, como chamava a atenção para os dois argumentos essenciais para a teoria psicanalítica: os processos identificatórios e a cisão do Ego. Ampliando o conceito de sedução, tal como havia sido teorizado até então por Freud, Ferenczi desenvolve um avanço teórico considerável, apresentando a etiologia traumática como o resultado de uma *violação psíquica* da criança por um adulto, de uma *confusão de línguas* entre eles e, principalmente, da *negação* (*Verleugnung*) por parte do adulto do desespero da criança.

Quando estas modalidades de invasão psíquica produzem seus efeitos desqualificando e negando o reconhecimento do pensamento e dos afetos, no psiquismo da criança se produz um trauma que gera uma cisão, uma fragmentação, uma atomização, uma autotomia que leva implícita a amputação de uma parte de si mesmo. Mas, além disso, Ferenczi (1932) nos mostra, introduzindo o conceito de *autotomia*, que o sujeito *morre* através da cisão. Não sente dor porque não

compensação. Por um lado, possui o objeto, mas, por outro, pode se transformar nele, através da identificação [...]” (p. 337).

⁶ N.T.: Em *Obras completas*, Psicanálise III, WMF Martins Fontes. São Paulo.

existe. Mais ainda, “não se aflige com a respiração ou o coração, nem em geral com a conservação da vida; ao contrário, olha com interesse o ser destruído ou despedaçado como se já não fosse ele mesmo mas outro ser, a quem se infringisse esse sofrimento” (p. 47)⁷. De acordo com a fascinante descrição clínica que faz de seu paciente O. S.⁸, trata-se da perda do sentido do tempo, “como se a vida não acabasse nem com a velhice nem com a morte” (p. 200). Contudo, não se trata de um mecanismo de defesa, é um mecanismo de sobrevivência. Paradoxalmente, esta resposta extrema ocorre para salvar a vida. Para salvaguardar a integridade, é preciso sacrificar a parte viva do corpo e submeter-se a uma autotomia na qual a pessoa deve subtrair-se a si mesma e aos demais. Isto tudo não nos levaria a pensar nas consequências de algumas violações do enquadramento por parte de alguns analistas ou em algumas modalidades perversas de suscitar lealdades incondicionais em determinados processos de formação? Enfim, isto tudo não nos levaria a pensar na psicose?

No trabalho clínico, nós, como analistas, habitualmente nos deparamos com o sofrimento de nossos pacientes, mas Ferenczi, quando enfrenta a dinâmica do trauma, se refere não só a um sofrimento suportável como a um sofrimento desconhecido e ilimitado, que não pode, por isso, ser nem entendido nem contido.

É interessante lembrar, em relação a este propósito, uma passagem de seu *Diário* que se refere à paciente G., a qual descreve uma experiência traumática relacionada com a visão de uma relação sexual dos pais que se transforma numa cena de grande violência em que o pai tenta estrangular a mãe. Diz: “Ninguém pensa em mim; não posso pedir ajuda a ninguém; só posso contar comigo mesma, mas não sei como posso sobreviver sozinha; comer alguma coisa poderia me acalmar, mas ninguém pensa em mim; queria gritar, mas não me atrevo, é melhor ficar calada e escondida, pois podem me machucar ou me matar; odeio os dois, queria afastá-los, mas é impossível, sou muito fraca e, além disso, seria muito perigoso; queria fugir, mas não sei para onde, queria arrancar de mim toda esta história”. Segundo Ferenczi (1932), o caráter insuportável de uma situação leva a um estado psíquico semelhante ao sonho onde toda eventualidade pode ser transfigurada mas onde, se o desprazer persiste, pode ocorrer uma regressão ainda mais acentuada: “Estou horrivelmente só, desesperadamente só; mas já vejo com clareza, é porque ainda não nasci. Eu ainda me movo nas entranhas de minha mãe [...]”.

O tempo aqui está parado, confinado em um presente infinito, inesgotável e vazio. Este é o tempo do trauma. Um tempo em que nunca começa nada novo, um tempo sem negação e sem possibilidade de iniciativa. E é justamente o trauma,

⁷ *Diário clínico* (Sandor Ferenczi, 1932), 10 de janeiro.

⁸ *Diário clínico* (Sandor Ferenczi, 1932), 26 de junho.

Luis J. Martín Cabré

sempre único e inédito, que interrompe a continuidade do tempo, introduz o irrepresentável na cadeia de representações e, como um relâmpago, permite entrever a morte.

Mas continuemos. Diante da impossibilidade de se defender do adulto, quando o medo supera o umbral do suportável, a criança se sente paralisada, submetendo-se aos seus desejos e à sua vontade, acabando por identificar-se totalmente com ele. Para se proteger da perda tanto do objeto como do vínculo com o objeto, a criança introjeta forçosamente o desejo e a culpa do adulto como último recurso para recuperar alguma coisa de sua identidade narcisista. Assim, Ferenczi esboça tanto o conceito de *introjeção do sentimento de culpa* como o de *identificação com o agressor*, que seria mais tarde retomado por A. Freud (1936) e Laplanche (1990), mas que, na realidade, Ferenczi havia já utilizado também com outra denominação: *identificação fantasmática com o destruidor*, *identificação com os objetos do terror* e – a expressão que parecia preferir – *introjeção do agressor*. Qual relação poderia se estabelecer entre a ideia ferencziana da *identificação ou introjeção com o agressor* com o conceito de *identificação narcisista* descrito por Freud em *Luto e melancolia*, assim como com a ideia de *identificação melancólica* descrita em *Psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher* (1920), em que a sombra do objeto cai sobre o Ego, encurralando-o e submetendo-o a todo tipo de humilhações e envilecimentos?

Mas, e este é um aspecto crucial para a compreensão da teoria de Ferenczi sobre o trauma, o efeito traumático ocorre em um segundo tempo, e é uma consequência da negação, mecanismo já descrito por Freud em *O fetichismo*. Ocorre quando a criança recebe de parte desse adulto, que não pode suportar seu discurso, uma negação que interrompe todo o processo introjetivo e paralisa o pensamento, uma negação que arrebatava a criança, não só tirando a sua palavra como também a possibilidade de representação e fantasmática. As palavras da criança ficam, seguindo a conceitualização de Abraham e Torok (1978), *enterradas vivas*.

De sua perspectiva, o trauma se transforma em algo que não está inscrito no psiquismo. A reação à dor pertence à ordem do representável e é inacessível à memória e à lembrança. Deste ponto de vista, para Ferenczi, o trauma se *apresenta*, não se *representa*: sua presença não pertence a nenhum presente em que parece se introduzir. É um presente sem presença, um presente louco, em que o sujeito sai do tempo tentando situar seu impensável sofrimento em uma maior unidade temporal fora da simples cotidianidade e da temporalidade história. Trata-se de um presente infinito e inesgotável, mas, ao mesmo tempo, completamente vazio.

Ao contrário do presente histórico, que fixa uma presença e uma identidade, neste presente traumático tudo se dissolve: não há sujeito, nem oposição entre

sujeito e objeto. O que Ferenczi nos sugere é que, nesta dinâmica do trauma, se insinua algo que tem a ver com a morte, algo irrepresentável também para Freud e para a teoria psicanalítica mais ortodoxa. Trata-se, diz Ferenczi (1932) citado por Cabré (2012), “de um processo de dissolução que vai na direção de uma dissolução total, quer dizer, da morte” (para. 18). Mas, mais que a morte que fixa um limite, talvez Ferenczi se refira ao morrer indefinidamente, em um tempo em que nada começa. O tempo se modifica e, atuando como um tecido morto, evita e paralisa a função do *après-coup*.

Em todo caso, o ponto mais polêmico de seu trabalho se assentava no fato de que Ferenczi pensava que um processo análogo podia ser verificado no âmbito da relação analítica como consequência da intromissão forçada, da compulsão a interpretar de certos analistas e da submissão neurótica de certos pacientes. Sempre tive a impressão que o debate travado entre Ferenczi e Freud entre 1928 e 1933 ia além de uma discussão sobre o traumatismo e, no fundo, se referia ao problema da transmissão da psicanálise e, se assim se prefere, à questão da formação psicanalítica. Realmente, como afirmei no começo de meu trabalho, com o termo *intropressão*, Ferenczi aponta para uma educação violenta dos pais sobre os filhos, para uma educação devastadora que inocula a culpa, o segredo e a proibição de pensar. No entanto, também estava se referindo a um determinado modo de analisar que implicava a submissão, a introjeção da culpa e a incapacidade para administrar os próprios recursos mentais que caracterizaria alguns pacientes e, principalmente, alguns futuros analistas.

Já havia se referido a este problema em seu magnífico trabalho de 1913, *Fé, incredulidade e convicção do ponto de vista da psicologia médica*⁹, em que apontava que, atrás da submissão cega da criança à autoridade, se esconde uma dúvida inextirpável, “bem escondida sob a máscara da fé cega, a ironia e a zombaria” (Ferenczi, 1913, p. 55). Também o tinha feito em 1928, em *A adaptação da família à criança*¹⁰, onde apontava que o maior erro dos pais era esquecer sua própria história. Contudo, o local em que enfatiza especialmente este problema espinhoso é suas anotações de 13 de março no *Diário clínico*, quando afirma: “a frieza intelectual da análise provoca enfim uma espécie de revolta, com a tendência a se livrar do analista e a substituir a violência exterior por uma peça de Superego” (Ferenczi, 1932, p. 103). Os pacientes se submetem, obedecem, tentam se controlar, mas, no fundo, é uma vingança contra a autoridade de quem desejam arrebataram as armas das mãos. Mas, lamentavelmente, nem sempre o paciente encontra esta solução. Todo paciente e todo analista em formação escuta tudo o que lhe diz

⁹ N.T.: Em *Obras completas*, Psicanálise II, WMF Martins Fontes. São Paulo.

¹⁰ N.T.: Em *Obras completas*, Psicanálise IV, WMF Martins Fontes. São Paulo.

Luis J. Martín Cabré

seu analista ou seu supervisor desde uma posição identificatória e, em condições normais, deve se produzir sucessivamente uma desidentificação para que possa provocar o mais elementar movimento emancipatório. Pois bem, a intropressão detém e paralisa qualquer possibilidade desidentificatória. Torna impossível a *desidentificação do agressor*.

A proposição de Ferenczi foi retomada por Balint em *A falha básica*¹¹ (1968), ao sublinhar a importância da repetição na transferência destes estados limites de impotência, de dor e de desespero, mas foram principalmente Nicolás Abraham e Maria Torok (1978), em *L'écorce et le noyau*,¹² que introduziram na obra freudiana parte das contribuições de Ferenczi, desenvolvendo algumas de suas intuições sobre a intropressão.

Especificamente no capítulo intitulado *O crime da introjeção*, estes autores imaginaram o lugar psíquico de um luto que não se refere nem ao psiquismo nem aos afetos de um só indivíduo. Propõem um espaço metapsicológico renovado dentro do qual se articula um lugar secreto, uma espécie de cripta, que serve para ocultar a dimensão dolorosa da perda e do luto não elaborado pelo Outro. As paredes da cripta encerram em seu interior um prazer secreto e escandaloso sentido pelo Outro e pelo sujeito identificado com ele. A cripta se institui fulminantemente dentro do Ego do sujeito como consequência de uma *cena traumática pré-verbal* esquecida e oculta, cheia de carga energética e de significação simbólica. Tal cena se refere a histórias, paixões, delitos e relações incestuosas que aprisionam o sujeito a uma posição de observador mudo, incapaz de participar ativamente e de elaborar tudo o que aconteceu. O sujeito é invadido por completo por tudo o que o Outro não pôde elaborar e teve de reprimir e negar. Deste modo, o Ego do sujeito se transforma no lugar da culpa e do luto que não foi elaborado por outra pessoa.

Pensemos, apenas por um instante, no conceito de Ferenczi que aparece em seu *Diário clínico*, denominado por ele como *transplantes estranhos* (*Fremdüberpflanzungen*), conceito indissolivelmente vinculado ao de traumatismo e que foi tão bem trabalhado por J. Garon (1993). Trata-se de “conteúdos psíquicos de caráter desagradável que vegetam ao longo da vida de uma pessoa” (Ferenczi, 1932, p. 131) e que ficam inacessíveis à consciência e à simbolização. Os *transplantes estranhos* seriam uma espécie de *introjeção forçada* dos traumatismos sofridos pelo adulto durante a sua infância, dos quais uma parte ficaria dissociada e transformada em objeto de negação. Esta é exatamente a linha teórica desenvolvida por Abraham e Torok (1978). Mas, além disso, Ferenczi confere a este conceito um sentido original, fazendo-o aparecer, como nas catástrofes thalassianas,

¹¹ N.T.: Edição da Zagodoni Editora Ltda., 1912, São Paulo, tradução de Francisco Franke Settineri.

¹² N.T.: *A casca e o núcleo*, editora Escuta, 1995, São Paulo, tradução de Maria Jose Coracini.

como *transgeracional*. Os traumatismos transgeracionais dariam conta do que se transmite de uma geração a outra, uma transmissão realizada em silêncio e em segredo, mas atuada, onde reinaria a lei do silêncio psíquico, quer dizer, a proibição de pensar. Não nos seria extraordinariamente útil esta concepção se tentássemos compreender os motivos profundos pelos quais o nome de Ferenczi, colaborador e interlocutor privilegiado de Freud, fundador da I.P.A. (1910) e do *International Journal* (1920), o primeiro professor que ocupou uma cátedra de psicanálise (1919), o autor de inúmeras obras fundamentais da teoria psicanalítica, o clínico admirado por todos e principalmente aquele que, segundo Freud (1933c), todo psicanalista deveria considerar como seu mestre, desapareceu no esquecimento da psicanálise, da maior parte dos analistas e até mesmo da formação dos novos candidatos durante anos? Por que nós, analistas, às vezes esquecemos nossa própria história? Como agiu a intropressão do Superego de analistas e formadores sobre pacientes e candidatos? Quantos segredos, delitos e paixões foram silenciados através do sofrimento e da negação inoculada sobre estes ao longo da história de nossa disciplina?

Felizmente, as coisas mudaram, e com este breve e modesto trabalho tento restituir, em alguma medida, o lugar privilegiado que, na psicanálise, este homem – verdadeiro, honesto, leal com suas ideias e convicções e, principalmente, um analista e uma pessoa dotada de generosidade incomparável – nunca devia ter perdido.

Palavras de Sándor Márai (apud Gutiérrez-Peláez, 2013):

Já odeio conferir a imprensa matutina, temo atender o telefone: nestes dias não passa uma semana em que não morra um dos meus. Depois de certa idade, uma manhã você acorda e se dá conta de que em parte está irremediavelmente sozinho, e em parte integra irremediavelmente uma família estranha, mais autêntica ainda que a família consanguínea: são apenas uns poucos, entre vivos e mortos, com os quais você topou no caos pagão do mundo, e um dia entende que indefectivelmente estão relacionados com você. [...] A morte de Ferenczi me afetou de forma totalmente primitiva: não acreditei nela. Quando desliguei o telefone, depois de receber a notícia, após pensar um pouco, liguei para meu informante para lhe perguntar se não tinha se enganado. Mais tarde pensei no assunto e me dei conta de que a morte de Ferenczi me fere e me enfurece – me animava a ideia infantil de que ele havia inventado algo que não se aplicava a ele; Ferenczi só podia morrer quando quisesse. Tenho certeza de que ele ainda não queria. [...] Dos seus sessenta anos, dedicou quarenta a curar. Nenhum médico compareceu a

Luis J. Martín Cabré

seu enterro, apenas o acompanharam seus amigos analistas. Sabia mais da vida humana que qualquer outro investigador da alma. Tenho a suspeita de que era poeta. Não é que tivesse escrito versos, mas sabia o que sabem os poetas: tocar essa coisa inexplicável que constitui o verdadeiro segredo de uma alma, de uma vida. Quando estive com ele, sempre estive na iminência de ver se o expressava. Nunca o fiz; ele morreu antes. Sinto que fiquei sem resposta. Por isso me indigna sua morte (pp. 10-12)¹³. □

Abstract

The concept of introjection and its evolution in Ferenczi's theory

To Ferenczi, whose thinking was largely in line with that of Freud, introjection was initially a fundamental concept in the psychic development of the child and was necessary to distinguish the neurotic functioning from other pathologies. Furthermore, introjection was a crucial notion for the theorization of the transference dynamics in the analytic relationship. However, in his final works, Ferenczi modified and expanded his first contribution, since he reassessed the importance of trauma and the confusion of tongues between the adult and the child and between the analyst and the patient; he conceptualized the notions of identification with the aggressor and of introjection of the guilt feeling in post-traumatic disorders and also underlined the decisive importance that disavowal and ego-splitting have in the dynamics of trauma. In his last contribution to psychoanalysis, condensed in the notes of his *Clinical Diary*, Ferenczi presented indeed an interesting neologism that he defined *intropression*, consisting in the attempt to combine introjection with the violent effects arisen in the child's mind after the unexpected irruption of the parental Superego and of adults in general. That dynamics is unfortunately present in some pathological modalities of the analytic relationship. The latter notion introduced by Ferenczi was brilliantly developed and completed by Abraham and Torok in their concept of *crime of introjection* to which the last part of this paper is dedicated.

Keywords: Introjections; Intropression; Trauma; Identification with the aggressor; Introjection of the guilt feeling

¹³ N.T.: Tradução minha.

Resumen

El concepto de introyección y su evolución en la teoría de Ferenczi

Para Ferenczi, muy en sintonía con el pensamiento de Freud, la introyección fue inicialmente un concepto fundamental en el desarrollo psíquico del niño e indispensable para diferenciar el funcionamiento neurótico de otras patologías. Además resultaba una noción esencial para teorizar la dinámica transferencial en la relación analítica. Sin embargo, al final de su obra, al revalorizar la importancia del trauma, de la confusión de lenguas entre el adulto y el niño y entre el analista y el paciente, al conceptualizar las nociones de identificación con el agresor y de introyección del sentimiento de culpa en los síndromes post-traumáticos y sobre todo al subrayar la importancia decisiva que adquiere el desmentido y la escisión del yo en la dinámica del trauma, Ferenczi modifica y enriquece enormemente su primera aportación. Precisamente, su última contribución al psicoanálisis, reflejada en las postreras notas del *Diario clínico* es un neologismo interesante que Ferenczi define como *intropresión* y que era el intento de conjugar la introyección con los efectos violentos que suscita en la irrupción inesperada del super yo parental y de los adultos en general en la mente del niño. Esta dinámica además, no deja de estar presente lamentablemente en algunas modalidades patológicas de la relación analítica. Esta última concepción de Ferenczi fue continuada y completada brillantemente por Abraham y Torok en su concepto del *crimen de la introyección*, al que se dedica la última parte del presente trabajo.

Palabras clave: Introyección; Intropresion; Trauma; Identificación con el agresor; Introyección del sentimiento de culpa

Referências

- Abraham, K. (1924). Tentativo di una storia evolutiva della libido sulla base della psicoanalisi dei disturbi psichici. *Opere*, vol. I, Torino: Boringhieri, 1975.
- Abraham, N., & Torok, M. (1978). *L'Écorce et le Noyau*. Paris : Aubier-Flammarion (2e édition, Flammarion, 1987; 3e édition, Points Flammarion, 1996).
- Balint, M. (1968). *La falta básica*. Buenos Aires: Paidós, 1982.
- Cabré, L. J. M. (2012, 01 de noviembre). En torno al concepto de introyección. Evolución de un concepto teórico y sus consecuencias en la técnica psicoanalítica. *Temas de Psicoanálisis*. Recuperado de <http://www.temasdepsicoanalisis.org/2012/01/11/en-torno-al-concepto-de-introyeccion-evolucion-de-un-concepto-teorico-y-sus-consecuencias-en-la-tecnica-psicoanalitica/>

Luis J. Martín Cabré

- Enriquez, M. (1984). *Aux carrefours de la haine*. Paris: Épi.
- Ferenczi, S. (1909). Transferencia e introyección. En *Obras completas*, Tomo I, Madrid: Espasa-Calpe, 1981.
- Ferenczi, S. (1912). El concepto de introyección. En *Obras completas*, Tomo I, Madrid: Espasa-Calpe, 1981.
- Ferenczi, S. (1913). Fe, incredulidad y convicción desde el punto de vista de la psicología médica. En *Obras completas*, Tomo II, Madrid: Espasa-Calpe, 1981.
- Ferenczi, S. (1924). Perspectivas en psicoanálisis. En *Obras completas*, Tomo III, Madrid: Espasa-Calpe, 1981.
- Ferenczi, S. (1928). La adaptación de la familia al niño. En *Obras completas*, Tomo IV, Madrid: Espasa-Calpe, 1981.
- Ferenczi, S. (1932). *Diario clínico*. Amorrortu, Buenos Aires, 1997.
- Ferenczi, S. (1932). Notas y fragmentos. En *Obras completas*, Tomo IV, Madrid: Espasa-Calpe, 1984.
- Ferenczi, S. (1933). Confusión de lenguas entre los adultos y el niño. En *Obras completas*, Tomo IV, Madrid: Espasa-Calpe, 1984.
- Freud, A. (1936). L'Io e i meccanismi di difesa. *Opere*, Vol. I. Torino: Boringhieri, 1978.
- Freud, S. (1900). Interpretación de los sueños. En *Obras completas*, Vol. IV. Buenos Aires: Amorrortu, 1979.
- Freud, S. (1905). Tres ensayos de teoría sexual. En *Obras completas*, Vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- Freud, S. (1915). Pulsiones y destinos de pulsión. En *Obras completas*, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- Freud, S. (1917). Duelo y melancolía. En *Obras completas*, Vol. XIV. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- Freud, S. (1920). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. En *Obras completas*, Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1985). Estudios sobre la histeria (1893-1895). En *Obras completas*, Vol. II. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.
- Garon, J. (1993). Le transplant étranger, un écart qui estrange. *Trans*, 2 : 127-137.
- Green, A. (1983). *Narcisismo di vita, narcisismo di morte*. Roma: Borla, 1985.
- Gutiérrez-Peláez, M. (2013). Sándor Ferenczi y la intelectualidad húngara del siglo XX. [Vivos y muertos]. *Affectio Societatis*, 10(18), 1-12. [Vivos y muertos, de Sándor Márai. Publicação original em 1933, *Élők és holtak*. Brassói Lapok, pp. 11-12]. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4766364>
- Laplanche, J. (1990). Implantation, intromission. *Psychanalyse à l'Université*, 15 (60).
- Nunberg, H. y Federn, E. (1962). *Dibattiti della Società Psicoanalitica di Vienna 1906-1908*. Torino: Boringhieri, 1973.

O conceito de introjeção e sua evolução na teoria de Ferenczi

Recebido em 10/12/2018
Aceito em 06/02/2019

Tradução de **Ernani Ssó**
Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Patrícia Fabrício Lago**

Luis Jorge Martín Cabré
Calle Joaquín Bau, 7 – 9º
28036 – Madrid – España
ljmartin@telefonica.net

© *Luis Jorge Martín Cabré*
Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA